

ROSELIS VON SASS

Distribuição Gratuita

A VERDADE
SOBRE OS **INCAS**

ORDEM DO **GRAAL** NA TERRA

A Verdade sobre os Incas

*Um povo líder, que governava sem
dinheiro e sem armas*

“Os povos, seus nomes e idiomas foram levados pelo vento. Mas a quantidade de descobertas arqueológicas indica seu elevado grau de cultura. Descobriram-se ruínas que dão testemunho da magnífica arte arquitetônica desses povos desaparecidos. Essas pedras em decomposição falam a sua própria língua... contudo, onde está o ser humano capaz de interpretá-la?”

Roselis von Sass

A Verdade sobre os Incas

As surpreendentes obras arquitetônicas, as extensas estradas – erigidas em regiões a mais de três mil metros de altitude – e o engenhoso sistema agrícola do povo inca estão dentre as realizações que têm intrigado a humanidade através dos tempos.

A escritora Roselis von Sass retrata a notável organização da sociedade incaica: a construção de cidades, aquedutos e estradas; a estrutura educacional e o grande saber espiritual. Tudo isso se contrapõe à ideia de que os incas teriam dominado povos

maiores e menores pela luta e pela força, como opressores violentos.

O desenvolvido povo inca exercia grande atração sobre os povos vizinhos, uma liderança natural que resultou na edificação de um verdadeiro império, abrangendo Equador, Peru, Bolívia, Chile e o norte da Argentina. Nesse período, foram construídas importantes cidades, como as cidades do Sol, da Lua e Machu Picchu. Entre os incas e os povos, com os quais mantinham alianças, não havia pobreza e nem dinheiro.

“(...) uma confiança ligava os incas entre si, a qual não se enfraquecia por acontecimentos desagradáveis, mas sim se fortalecia. Ambição, cobiça e mentira eram-lhes desconhecidas, e seu pronunciado senso de justiça impedia que agissem erradamente em relação aos outros. Seus templos, palácios e as casas mais simples brilhavam com os objetos de ouro que decoravam as paredes, e a cada sopro de vento badalavam os sininhos fixados nos mais diversos lugares. Também os outros povos podiam enfeitar-se com ouro, prata, pérolas e pedras preciosas quanto quisessem. Naquele tempo ainda não existia pobreza entre os povos que haviam estabelecido alianças com os incas e os que ainda as mantinham. Também não existia dinheiro.”

Roselis von Sass

A Verdade sobre os Incas

O esplendor do império inca

Personagens fascinantes protagonizam essa epopeia, um romance iluminado pelos nobres mandamentos de vida dos incas. Roselis von Sass mescla a história da construção da nação inca – cuja unidade cultural extremamente avançada instigou a curiosidade de pesquisadores no início do século passado e continua fascinando arqueólogos, historiadores e antropólogos da atualidade – com acontecimentos da vida diária desse povo espiritualizado, fortemente ligado à natureza.

A Verdade sobre os Incas também narra a formação do Estado Inca desde a morte de Chuquï, o grande rei, e a coroação de Yupanqui, seu neto, até as determinações de Huayna Capac, o último rei inca, aos filhos, Atahualpa e Huascar, que, ao contrário de alguns relatos, nunca se desentenderam entre si no que diz respeito ao destino de seu povo.

“Os irmãos, muito afeiçoados um ao outro e já pertencentes ao conselho dos sábios, tomaram a resolução de mandar informar sobre tudo, imediatamente, todas as famílias e as diretoras das escolas de meninas, a fim de que estivessem prontas para a partida a qualquer momento.”

Roselis von Sass

A Verdade sobre os Incas

A invasão dos espanhóis

Em 1911, o arqueólogo Hiram Bingham descobriu Machu Picchu. Ele buscava o esclarecimento das misteriosas teorias sobre o desaparecimento do povo inca. O que Bingham não chegou a saber é que mais de cem anos antes da tragédia de Cajamarca, que destruiu seu reino em 1532, os incas já haviam construído seus refúgios simples, mas seguros.

“Durante os cem ou mais anos que precederam a invasão, o Monte da Lua e os vales transformaram-se em refúgios seguros. O trabalho era penoso e demorado, mas ninguém se queixava. Ao contrário. Cada inca contribuía alegremente com a sua parte, para que seus descendentes passassem suas vidas em segurança.”

Roselis von Sass

A Verdade sobre os Incas

Ao chegarem ao continente americano, os conquistadores espanhóis encontraram povos altamente desenvolvidos, unificados em perfeita sintonia com o espírito comunitário, embora não possuíssem um sistema de escrita que pudesse perpetuar a sua cultura.

O encontro com os espanhóis foi um verdadeiro martírio. Mortos Atahualpa e Huascar, a Cidade de Ouro foi brutalmente saqueada: utensílios, ornamentos, joias – uma pilhagem sem precedentes. Onde antes havia palácios e jardins delicadamente decora-

dos com ouro, hoje visitam-se ruínas destruídas pelos conquistadores. Os incas que sobreviveram desapareceram sem deixar vestígios.

“Se quisermos viver felizes sob a luz do sol, então toda a nossa existência e nossa atuação devem ser perpassadas de pureza! Assim foi até agora e assim deverá permanecer até que o último inca feche seus olhos na Terra!”

Roselis von Sass

A Verdade sobre os Incas

LEIA UM TRECHO DE *A VERDADE SOBRE OS INCAS!*

A Casa da Despedida

A segunda parte deste livro começa com a morte de um grande rei, que durante muitos anos governou os incas e os povos a eles aliados de modo justo e sábio.

Chuqüi, o rei, caminhava lentamente, dando voltas no jardim interno de seu vasto palácio. Nos bancos de pedra, colocados em amplos círculos, estavam sentados cerca de vinte alunos. Eram moços que ainda não haviam atingido vinte anos de idade. O rei olhou com orgulho para os rostos bonitos e nobres que o fitavam, e que assimilavam avidamente cada uma de suas palavras.

Chuqüi era rei, mas antes de tudo era um amauta, um sábio. Nesse dia empenhava-se em transmitir a esses jovens, pela última vez, algo de seu grande saber. Pela última vez. Pois alcançara o marco que indicava o fim da vida terrena.

— O Senhor da vida, começou ele, deu a cada um de nós as capacitações para o caminho que temos de desenvolver e utilizar! Isto acontece através do trabalho! Através do trabalho incansável! Espiritualmente e terrenalmente! Nunca esqueçais isto!

O rei fez uma longa pausa. O falar já se lhe tornava difícil. Os alunos observavam cada um de seus movimentos, pois sabiam que ele chegara ao último marco da vida terrena.

— Todo o mal está longe de nós, incas! recomeçou o rei. No entanto, se alguma vez acontecer de um de vós

esquecer a dignidade inca, não hesiteis! Corrigi o mal, antes que este imprima uma mácula em vossos espíritos! Ninguém pedirá prestação de contas a vós na Terra. Ninguém. Pois cada inca é seu próprio juiz!

Os alunos compreenderam. Sabiam que assim era.

— Temos de enriquecer a Terra com amor e bondade, colocando nossas mãos sobre os animais e as plantas, protegendo-os. Pois nós somos servos, guardas, protetores e com isso senhores na Terra!

Foram essas as últimas palavras que os alunos ouviram do rei. Durante algum tempo ele olhou-os pensativamente, erguendo depois a mão em saudação. Os alunos levantaram-se, inclinando-se em silencioso agradecimento diante do rei, a quem veneravam.

Chuqüi acompanhou-os com o olhar. O fato de existirem esses jovens de boa índole era algo que o tranquilizava. Levantou o olhar para o céu, observando as conformações de nuvens que passavam celeremente, anunciando tempestade. Depois deixou lentamente o jardim e o palácio. Cansava-se hoje ao andar. Não obstante, continuou caminhando.

Dirigiu-se primeiramente à “casa da despedida”, talvez para convencer-se de que tudo se encontrava pronto para a sua recepção. A casa da despedida não ficava longe do palácio. Era uma casa de morrer, para a qual todos os membros masculinos da casta superior inca se retiravam, quando chegava a hora da despedida na Terra. As mulheres morriam em suas próprias casas. Em ambas as cidades incas havia várias casas de morrer, pois nenhum homem queria deixar seu corpo morto na própria casa...

A casa que o rei agora inspecionava possuía paredes de pedra e um grosso telhado de junco. Aberturas redondas nas paredes deixavam entrar luz e ar no recinto. As paredes brilhavam por causa do ouro. Pássaros levantando voo, borboletas, galhos, tudo feito em fino ouro martelado, reluziam nas paredes. No lado leste pendia um cometa e no lado oposto estava afixada uma meia-lua. O cometa e a meia-lua foram confeccionados parte em ouro e parte em prata. Encostado à parede sul havia um leito largo com uma alta camada de capim aromático e seco. Um cobertor de lã branca estendia-se sobre o leito. Nas duas colunas da parede leste estavam dois largos e baixos recipientes de cerâmica contendo sebo de carneiro. No meio do sebo havia pavios. O piso encontrava-se totalmente coberto de peles brancas de carneiro.

O recinto não era muito grande. Contudo, quem nele adentrava tinha impressão de riqueza, pompa e beleza. Assim era desejado. O ser humano ao deixar a Terra deveria, até o último momento, ser envolto por ouro, o reflexo do ouro solar. O ouro fazia parte das maravilhas da Terra.

Chuqüi ficou parado no meio do recinto. Clariaudiente, como todo amauta, ouvia vozes. Também a voz de sua recém-falecida mulher se fazia ouvir. Alegria e saudade oprimiam quase dolorosamente seu coração. Teria preferido deixar-se cair no leito, fechando os olhos para sempre. Mas sabia que a hora da despedida ainda não chegara. Hesitantemente deixou a casa, seguindo por uma estrada limpa e reta. Num transbordante reservatório de água, parou, pegou uma caneca de ouro que estava na beira e bebeu em goles grandes

a refrescante água da montanha. Recolocou a caneca no lugar e ficou observando a água borbulhante que corria sobre a beira do reservatório, acumulando-se num pequeno lago situado mais abaixo.

A água era conduzida de longe. Lembrou-se de como ele mesmo, havia muitos anos, colaborara na construção da adutora amplamente ramificada... A estada na Terra parecia-lhe de repente como um único dia de alegria...

Uma menina com um galho florido postou-se ao lado dele, a fim de chamar sua atenção. Ao se dirigir a ela, viu um grande grupo de crianças, que o haviam seguido caladas, a uma certa distância. Logo a seguir rodearam-no, pedindo-lhe que contasse uma história. Uma história dos espíritos das montanhas e dos lagos! Sorrindo, Chuqüi passou a mão pelas cabecinhas voltadas para ele.

— Hoje não. Já vos contei tantas histórias, que agora é tempo de vós mesmas as transmitirdes a outras crianças. Podeis alegrar até adultos com isso.

As crianças acenavam com a cabeça, concordando. O rei tinha razão. Conheciam muitas, muitas histórias... Contentes, postaram-se em volta do reservatório e mergulharam seus braços na água fria. Caladas, olhavam para a alta figura. Ele as fitara de modo diferente de que em geral o fazia. Um sopro de tristeza tocou seus corações infantis quando ele se despediu delas.

O sol já estava baixo no poente, quando o rei retornou ao seu palácio. Em breve a noite envolveria tudo com a sua escuridão. Os primeiros pássaros noturnos já

revoavam à procura de alimentos, quando ele entrou no silencioso palácio.

O Sucessor

Yupanqui e Roca, dois homens altos envoltos por compridos ponchos brancos, vieram rapidamente ao seu encontro. Sua longa ausência os preocupara. Não havia mais nada a falar, contudo queriam permanecer o maior tempo possível próximo a ele. Yupanqui era o sucessor do reino, escolhido pelo rei. As atividades de Roca também já estavam determinadas.

Chuqüi olhou com ternura para seus dois netos, os quais somente com dificuldade podiam esconder a sua preocupação. Eram os filhos de uma de suas filhas, Sola, que viviam na outra cidade inca. Yupanqui estava com cerca de quarenta anos de idade e tinha mulher e duas filhas adultas. Roca era muito mais moço e ainda solteiro.

Nos olhos de ambos os homens podia-se reconhecer que o anseio pela Luz e perfeição vivia também em seus corações.

O rei olhava para Roca.

— Tua missão exige muita paciência.

Roca acenou com a cabeça. Ele sabia que não seria sempre fácil. Atuar como elo entre os diversos povos, que voluntariamente haviam se unido aos incas, necessitaria de muito tato e conhecimento dos seres humanos. A isso se juntavam os muitos negócios de troca... Era essa a parte mais difícil de sua missão, pois ninguém deveria ser prejudicado. O dar e o receber sempre

deveriam estar em perfeito equilíbrio... Roca, contudo, não se preocupava. Como todos os incas, também ele possuía uma vontade ininterrupta de trabalhar e um incansável espírito empreendedor.

— Meu tempo terreno terminou! disse o rei bondosamente. Mas isso não é motivo para mostrardes rostos tão tristes. A morte terrena não encerra segredos. O mesmo se dá com o nascimento. Chegamos e partimos. De um mundo para o outro, até aprendermos tudo o que há para aprender.

Yupanqui e Roca sabiam; não obstante, oprimia-os a dor da despedida. Também para eles a morte e o nascimento não constituíam nenhum segredo, não obstante...

— Nós nos veremos de novo! interrompeu o rei seus pensamentos. Depois deixou o recinto.

Uyuna, a mulher de Yupanqui que esperava silenciosamente na sala ao lado, acompanhou o rei até seu dormitório. Antes de entrar, ele se virou para ela e disse com voz fraca:

— Uyuna, vieste de uma longínqua tribo chimu. Nossa maneira de viver era estranha para ti. No entanto, não demorou muito e te tornaste uma das nossas. Deste-nos o mais belo presente que um ser humano pode dar ao outro: tua confiança em nós. Continua assim como és! Pois nós nos veremos de novo.

Uyuna, calada, baixou a cabeça; depois puxou a cortina da porta para o lado, para que o rei pudesse entrar. Quando a cortina se fechou atrás dele, ela sentou-se chorando no chão. Depois de algum tempo a dor opressiva diminuiu, e suas lágrimas secaram. De repente,

ela tornou-se consciente de que o rei apenas deixaria a Terra para continuar a viver em outra parte...

“Nós nos veremos de novo”... Pensando nessas palavras consoladoras ela levantou-se, deixou o palácio por uma entrada lateral e dirigiu-se vagarosamente à casa de morrer. O céu estava estrelado, e além das vozes dos animais nada se escutava, nem de perto nem de longe.

Os incas eram um povo calado, mas gostavam de música e canto. Principalmente ao anoitecer, tocavam instrumentos musicais feitos por eles mesmos e cantavam; eram canções de amor aos espíritos das montanhas, das florestas e das águas, e aos animais. Geralmente, com os cantos do anoitecer, vibrava toda a atmosfera. Naquele dia, porém, era totalmente diferente. Nenhuma canção, nenhuma melodia, nem mesmo um som humano interrompia o silêncio da noite. Seu querido rei deixava a Terra. Melancolia e um certo temor enchia o coração de todos, desde que receberam a notícia de sua morte próxima.

Uyuna ficou parada junto à casa da despedida, olhando em volta de si. Não se via ninguém. Puxou a porta de correr, entrou no interior do recinto e acendeu as duas luminárias de sebo nas colunas. A seguir, acomodou-se ao lado do leito e encostou nele a cabeça. Logo sentiu intuitivamente que não estava sozinha. Invisíveis aos olhos dela, contudo nitidamente perceptíveis, sentiu movimentos em seu redor. Movimentos e vozes. Os espíritos que receberiam o rei depois de sua morte terrena já estavam presentes. Ela ainda ficou escutando durante alguns minutos. Depois notou outros sons. Parecia-lhe como se alguém se aproximasse da casa.

Levantou-se rapidamente e ficou escutando. Não queria que o rei a encontrasse ali. Deveria ter-se enganado. Não se escutava mais nenhum som vindo de fora. Passou as mãos mais uma vez ainda sobre o leito, a seguir deixou a casa e retornou rapidamente ao palácio.

O Desenlace do Rei

Uyuna não se enganara ao pensar ter ouvido passos. Mal se achava do lado de fora, quando duas altas figuras masculinas saíram da sombra de uma árvore próxima. Eram Chia e Ikala, dois amautas. Ambos eram médicos e esperavam o rei. Todos os iniciados, de perto e de longe, sabiam que chegara a hora da despedida para o rei. O próprio rei comunicara-se com eles espiritualmente. Clariaudientes como todos eram, receberam sua mensagem. Era uma breve mensagem. Dizia:

“Terminou meu tempo na Terra. Vós que ficais, velai por nossos povos, pois vejo sombras aterrorizantes passando por nossa terra sagrada.”

Enquanto esperavam, ambos os amautas pensavam nas sombras que eles também haviam visto. O que significariam tais formações e de onde viriam? De repente, sentiram calafrios. Parecia-lhes como se um sopro de gelo estarcesse seus corações... Aliás, apenas por segundos... Não obstante, tremiam de frio sob seus longos ponchos brancos de lã. Não queriam pensar nas sombras, pois tinham ainda muitos planos. Planos

de ensinar todos os seres humanos que não se haviam desenvolvido como os incas.

— Não obstante... não se pode deixar de ver essas sombras! disse Chia, como se falasse consigo mesmo.

Ficaram atentos. O rei vinha em companhia de Yupanqui e Roca. Mas, ao entrar na casa, apenas Chia e Ikala ficaram ao lado do rei... Os dois outros voltaram para o palácio. Foi a despedida. Quando e sob quais circunstâncias eles se veriam de novo?...

Chuqüi ficou, alto e ereto, parado durante alguns instantes no meio do recinto, olhando em redor. Mal se notava nele a avançada idade, nem que esta seria sua última noite na Terra. Para ele não havia nenhuma possibilidade de continuar vivendo na Terra. O tempo de vida predeterminado estava findo e quando isso acontecia o espírito se afastava, deixando o corpo para trás. Inerte e morto.

O rei deitou-se no leito. Estava cansado e sonolento. Chia e Ikala puxaram sua longa roupa branca de lã e a seguir tocaram em seus pés. Estavam frios. Tão frios que se podia sentir através do tecido de lã de seus sapatos. Chia estendeu sobre ele um cobertor ricamente enfeitado com ornamentos azuis, e Ikala afastou-lhe o cabelo preto e reluzente da testa. O falecimento do rei era uma perda dolorosa para eles. Eram ainda relativamente jovens, não obstante perguntavam-se quanto tempo sua própria estada na Terra ainda duraria...

Observaram o rei durante alguns segundos e sentaram-se depois num banco coberto de pele de carneiro que se achava junto à parede, ao lado das colunas. Pouco depois, escutaram vozes. Chia julgou ouvir a voz

da recém-falecida esposa de Chuqüi. Vozes que pareciam vir de longe. Não havia mais dúvidas. Tudo estava preparado para a recepção de seu amigo e irmão em espírito. Aproximava-se a hora do desligamento...

Os dois médicos não perceberam quando o rei respirou pela última vez. Estavam sentados no banco, com os olhos fechados, e entregavam-se integralmente às vibrações que afluíam para eles do outro mundo. Como que tomados por um torvelinho, leves e livres do pesadume da Terra, viam-se, de repente, no meio de um grande agrupamento de sábios... Não apenas incas, mas também sábios de outros povos estavam presentes... E no entanto, todos se conheciam. Sim, mais ainda: sentiam que pertenciam uns aos outros... já desde muito... desde uma época longínqua, e que também continuariam ligados... ligados para uma atuação em conjunto, ainda oculta, no futuro.

Calor, consolo e esperança enchiam os corações de Chia e Ikala quando depois de algumas horas tornaram-se conscientes de seu ambiente terreno. Aproximaram-se do leito e inclinaram-se sobre a figura inerte e morta deitada nele.

Chuqüi estava morto. Seu espírito estava livre da pesada matéria terrena. Os dois médicos viam as pálidas e bruxuleantes formas de névoa que envolviam o corpo morto, e os restos da outrora aura brilhante e que agora se dissolvia rapidamente.

Ikala fechou os olhos do falecido, cingiu-os com uma fita branca, protegendo-os. Mais, eles não podiam fazer.

Cheio de paz e sem culpas, Chuqüi deixou a Terra. ■

Livros editados pela

ORDEM DO **GRAAL** NA TERRA

Obras de Abdruschin:

NA LUZ DA VERDADE – obra em três volumes
Os Dez Mandamentos e o Pai Nosso
Respostas a Perguntas
Alicerces de Vida

Obras de Roselis von Sass:

A Desconhecida Babilônia
A Grande Pirâmide Revela seu Segredo
A Verdade sobre os Incas
África e seus Mistérios
Atlântida. Princípio e Fim da Grande Tragédia
Fios do Destino Determinam a Vida Humana
Leopoldina. Uma vida pela Independência
O Livro do Juízo Final
O Nascimento da Terra
Os Primeiros Seres Humanos
Profecias e outras Revelações
Revelações Inéditas da História do Brasil
Sabá, o País das Mil Fragrâncias
Tempo de Aprendizado

Lançamentos:

Cassandra. A princesa de Troia
Espionando pela Fresta

Consulte lista completa em nosso site: www.graal.org.br

“Há situações na vida que despertam forças inimaginadas no ser humano, proporcionando-lhe a vitória.”

“Os povos, seus nomes e idiomas foram levados pelo vento. Mas a quantidade de descobertas arqueológicas indica seu elevado grau de cultura. Descobriram-se ruínas que dão testemunho da magnífica arte arquitetônica desses povos desaparecidos. Essas pedras em decomposição falam a sua própria língua... contudo, onde está o ser humano capaz de interpretá-la?”

Roselis von Sass, A Verdade sobre os Incas

Personagens fascinantes protagonizam esse romance, iluminado pelos nobres mandamentos de vida dos incas. Roselis von Sass mescla a história da construção da nação inca – cuja unidade cultural extremamente avançada instigou a curiosidade de pesquisadores no início do século passado e continua fascinando arqueólogos, historiadores e antropólogos da atualidade – com acontecimentos da vida diária desse povo espiritualizado, fortemente ligado à natureza.